

Os Aforismos Nietzscheanos na Moda

Ana Fabíola Pedrosa de Vasconcelos, especialista em Moda e Criação - Faculdade Santa Marcelina.

RESUMO

Tal estudo aponta uma proposta de diálogo entre a moda e os aforismos instigantes do filósofo contemporâneo Friedrich Nietzsche, na qual a roupa aparece como veículo de expressão de idéias.

Palavras-chave: Moda, filosofia, aforismos.

ABSTRACT

This study points a proposal for a dialogue between fashion and contemporary appealing axioms used by philosopher Friedrich Nietzsche's, in which clothing appears as the vehicle of expression of ideas.

Keywords: fashion, philosophy, axiom.

INTRODUÇÃO

Quando se pensa em moda, uma das formas de conceituá-la é referir-se a ela como uma linguagem. Porém, para expressar-se em determinada linguagem é preciso definir ou criar métodos e técnicas para que, ao se utilizar desta linguagem, seja capaz de transmitir melhor as idéias e inquietações.

Para a moda como para qualquer outra linguagem, é necessário ter um domínio prévio de métodos que possam facilitar a execução de um projeto. Para a realização de um trabalho sobre moda, por exemplo, podem-se utilizar os conteúdos e formas de diversas áreas de estudo como fonte de inspiração, até que se chegue à criação em si; na criação artística, assim como na filosofia, é possível explorá-los para que levem à comunicação de signos através da reinterpretação de códigos de uma linguagem para outra, neste caso, da linguagem escrita para a linguagem visual, onde se pode expressar valores que muitas vezes coincidem com uma hierarquia de poder herdada de antepassados, fazendo com que se aborde a moda como algo que está além das tendências já que se vive numa época em que o fazer é premeditado pela utilidade e lucro, ou seja, a liberdade de ação é limitada pelo uso venal e desuso do objeto. Pensar na moda em aforismo seria então posicioná-la em

diferentes perspectivas e, para isso, recorre-se neste trabalho à filosofia nietzschiana por ter sido ele o filósofo da cultura e o mais controvertido da história da filosofia contemporânea.

O filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em Roken, na Prússia. Filho de um pastor protestante iniciou seus estudos teológicos por influência do pai, mas logo largou a teologia para estudar filologia clássica quando se deparou com as obras dos pré-socráticos que o levaram súbito a filosofia. Nietzsche utilizou o estilo aforismático para escrever boa parte de suas obras. Em seu primeiro livro *O nascimento da tragédia*, o filósofo expõe o espírito dionisíaco (não visível) como sendo o oposto e complementar do apolíneo (mundo das formas) ele se posiciona em inúmeras perspectivas para explicar o que seria Dioniso nas artes, a força dominante propulsora. Na *Genealogia da Moral*, Nietzsche nos provoca acerca da origem dos valores da moral dos nobres e dos escravos. Outras obras importantes que serviram ao presente estudo são a *Gaia Ciência* e *Assim falou Zaratustra*. Porém, o cerne do presente escrito oferece como problema principal a questão dos valores, para que se possa compactuar com a importância da moda como sistema de criação em si.

Quanto ao mais da vida, as chamadas “vivências”, qual de nós pode levá-las a sério? Ou ter tempo para elas? Nas experiências presentes, receio, estamos sempre “ausentes”: nelas não temos nosso coração (NIETZSCHE, 1998, Prólogo, p.7)

Na *Genealogia da Moral* Nietzsche provoca a cerca da origem dos valores, tendo ele escrito esse tratado como um esclarecimento de outra obra, *Para além do bem e do mal*, aonde o autor aprofunda a questão da origem dos valores morais.

Em seu projeto de entrecruzamento e transmutação dos valores, o filósofo utilizou a metáfora em seus aforismos como força capaz de romper com os limites da escrita; ademais, ele redefiniu conceitos e buscou o florescimento da força criadora. Em *Humano, demasiado humano*, Nietzsche incumbe ao leitor o desafio de decifrar por meio de uma leitura lenta o que denomina “ruminação”, e muitas de suas teorias foram escritas usando aforismos com idéias paradoxais que despertam o riso e a alegria. Para entendê-las, é preciso decifrar ou “ruminar” estas idéias; para Gilles Deleuze é preciso ler Nietzsche rindo e gargalhando, caso contrário, não há leitura de Nietzsche. “Isto não é verdadeiro somente em relação a Nietzsche, mas em relação a todos os autores que fazem precisamente este mesmo horizonte da nossa contracultura” (DELEUZE, 1997, p.64).

Por que utilizar-se dos aforismos mais especificamente dos aforismos nietzschianos para pensar a moda? Os aforismos nietzschianos servirão tanto de forma como conteúdo experimental de ação. Por intermédio desses aforismos o presente trabalho se posicionou frente ao sistema de moda e suas limitações intrínsecas, também ao analisar um de seus aforismos para criar novas silhuetas; paradoxalmente eles foram utilizados para o posicionamento crítico e ao mesmo

tempo sob o prisma metodológico, para mostrar como se faz uma moda autêntica sem prender-se às tendências. A partir daí constatou-se o que muitos criadores já fizeram com sucesso, tendo como única diferença o caminho: abordou-se o tema com o objetivo de desmistificar o processo criativo através dos aforismos, em detrimento da grande fábula que se tornou ser um estilista; para tal, a filosofia nietzschiana entrou como base teórica e não sistemática para a criação de novos valores, haja vista a filosofia de Nietzsche permitir essa liberdade de ação: sua filosofia não é de caráter dogmático. Para o filósofo, o que interessou foram os seguidores que buscaram vivenciá-la, ou seja, experimentá-la e ir além das expectativas; por isso o filósofo, assim como os neo-humanistas, resgatou a cultura grega, por ser o grego o maior exemplo de potência afirmadora da vida.

Assim como Nietzsche, que atacava a “cultura filistéia”, essa pesquisa quis incidir sobre a moral “filistéia” vigente, que Nietzsche chamou “filisteu” - uma casta inculta que se limitava ao consumo. No século XIX houve uma inversão dos valores na época da cultura alemã, onde a produção era voltada para o “agradar”, não havendo público formador de opinião e nem mesmo capaz de verdadeiramente apreciá-la. O filósofo da contracultura buscou o resgate às origens culturais na Grécia antiga em contraposição ao simples “afrancesamento” da cultura alemã.

De volta para a cultura atual, como exemplo, nota-se uma carência de criadores que almejem, verdadeiramente, se posicionar através da moda, e os que chegam perto esquecem que estão cada vez mais se perdendo por estarem em busca de referências externas. O primeiro passo seria o de abrir-se à sua cultura e fazer como os gregos: vivenciá-la; não se valorar através do outro, não procurar no externo essa visão de eternos colonizados. Não se deseja aqui “resgatar” uma identidade, mesmo porque essa não é a proposta, nem se está em busca de um nacionalismo patriótico, mas quer-se acima de tudo a reverberação de uma cultura em conjunção com o mundo e uma vontade suprema de vivenciá-la. Ir de encontro com o passado seria deparar, obviamente, com um legado europeu, porém não genuinamente europeu, e sim referências e traços que se misturem com a própria origem brasileira, passando pelos clássicos gregos que permeiam toda cultura universal: “Todos os instintos que não se descarregam para fora se voltam para dentro - isto é o que chamo de interiorização do homem: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua alma”. (NIETZSCHE, 1998, p. 21)

Deve-se insistir que a presente sugestão não visou à “identidade nacional na moda”, e sim a um despertar, uma forma de reeducar-se o olhar na moda, o olhar nômade tão discutido na dita pós-modernidade, onde se rompe com a forma sistemática e autoritária de estar no mundo (*dasein*). A força dessa proposta caminhou num aprimoramento, ou até mesmo numa reeducação da estrutura já culminada de “esquizofrenia” vivida em tempos atuais: essa desconstrução temporal do indivíduo construindo a si mesmo e o mundo de forma aleatória e intensa, como afirma Jameson no texto *Pós-Modernidade e Sociedade de Consumo*:

“... a experiência esquizofrênica é uma experiência da materialidade significante isolada, desconectada e descontínua, que não consegue encadear-se em uma sequência coerente. O esquizofrênico não consegue desse modo reconhecer sua identidade pessoal no referido sentido, visto que o sentimento de identidade depende de nossa sensação da persistência do “eu” e de “mim” através do tempo.” (JAMESON,1985)

Em sua doutrina do eterno retorno, Nietzsche fala do vazio niilista do não ter um objetivo a ser atingido onde tudo é finito e só o tempo é eterno. Com essa teoria sugere-se que o estilista ao propor uma idéia, uma coleção, esteja conectado com esse tempo perdido no qual não se tem domínio, e isso só poderia ser possível através do poder de ação dos nobres, o fazer-se livre de espírito, afirmando-se, sem produzir moda através do ressentimento, ou seja, o escravo ressentido que cria valores por meio de valores secundários, pré-estabelecidos.

A possibilidade de se reinventar a cada coleção, utilizar o veículo da moda como forma de expressão de idéias, desconstruir a idéia de tendência, é o objetivo principal ao propor os aforismos nietzschianas como fonte de inspiração, onde o estilista tem o poder de romper as barreiras entre o mundo, o homem e os valores da moda, expressando, assim, novas silhuetas por meio de um *sketchbook* (caderno de imagens e desenhos) .

1. A TRANSVALORAÇÃO DE TODOS OS VALORES EM MODA

1.1 Aforismo 320 (Reencontro)

“A -: Será que ainda estou a te compreender bem? Tu procuras? Onde fica o teu canto, onde está a tua estrela no meio do mundo presente? Onde podes estender-se ao sol de maneira a ter, também tu, o teu excedente de bem-estar e assim justificar a tua existência? Que cada um faça isso por sua conta - parece dizer-me - tira cada um da cabeça a preocupação de se dirigir a todos, de se inquietar com eles, de se ocupar da sociedade!

B - Quero muito mais, não sou um pesquisador. Quero criar para mim o meu próprio sol” (NIETZSCHE,2005).

O presente aforismo do livro de Nietzsche *A Gaia Ciência* foi escolhido por representar o momento que perpassa o encontro do criador, criação e a pesquisa em si; ironicamente o presente trabalho apresenta um método de criação em moda por meio de aforismos de um filósofo da contracultura, e tal aforismo questiona a importância do não desejo de ser apenas um pesquisador em moda, mas, sobretudo, alguém que cria e constrói a si mesmo como verdadeira obra de arte: contradições ou afirmações? É esse o segredo e a grande questão que envolve toda a filosofia nietzschiana, e não se poderia ficar de fora de tão polêmica busca por uma resposta; apesar de não ser possível obter resposta de um trabalho criativo. Parece

que se chegou ao ponto culminante, justamente o de não obter respostas, e sim, instigar o leitor a ruminar o aforismo do livro 4 de *A Gaia Ciência*, ao mesmo tempo em que contempla as colagens; onde imagens se entrecruzam, vibram e emanam um quê de *nonsense* proposital para se que possa entender a verdadeira função do aforismo, que é o afastamento da realidade e o desvelar do mistério do intelecto, e assim deixar livre o autor para criar algo que fosse verdadeiramente original.

Assim como os gregos fizeram com o seu viver; com a profundidade superficial das formas apolíneas, apresentaram-se, também, imagens que traduzem o maior rigor em estrutura de afirmação da vida como um todo. O presente aforismo é um convite à vida ela mesma como vontade de potência, que gera, antes de mais nada, a própria energia sem precisar se projetar no outro para encontrar seu próprio abrigo, onde só os espíritos nobres conseguem alcançá-lo: “Quero muito mais, não sou um pesquisador. Quero criar para mim o meu próprio sol.”

A escolha das imagens organizadas em um *Sketchbook*, de algumas obras do pintor espanhol Velázquez e do artista pernambucano Pedro Frederico, são intermediadas por cenas do cotidiano - fotografias tiradas no meio de uma feira no centro da cidade de João Pessoa-PB, e traduzem bem o acaso inspirador do aforismo: aparentemente não tem nada a ver a junção dessas imagens, mas com o término das colagens e início da pesquisa de cada autor das obras, viu-se uma sincronicidade perfeita de idéias.

Primeiramente teve-se informação de que o artista Velázquez só adquiriu notoriedade a partir do século XIX, bem na época do aparecimento da filosofia nietzschiana. O espanhol era especialista em pintar figuras de místicos e fidalgos, heróis e bufões: “A arte inovadora de Velázquez e seus olhos inebriados de luz foram fiéis intérpretes do drama humano, em seu decadente esplendor,...”(revista VENTURA,1989). Velázquez não estava interessado em captar o tempo em movimento, seu interesse estava no movimento da luz e seus efeitos: “a luz cria o mundo visível” (revista VENTURA, 1989).. O artista Pedro Frederico era voltado para as técnicas da pintura e da tapeçaria, artista afirmador de sua cultura, nunca se desligou de seus arquétipos: “o trópico a gente traz no sangue, ou se quiser, embaixo da pele” (revista VENTURA, 1989). Essa junção de informação, e as cenas da feira livre nos remete a solidão do mundo: tu procuras? Onde fica o teu canto, onde está a tua estrela no meio do mundo presente? São mundos bem diferentes, mas, ao mesmo tempo, idênticos em sua essência; a inerte corte espanhola retratada por Velázquez, o colorido tropical de Pedro Frederico, e o dia à dia inebriante dos feirantes, sob o sol escaldante do centro da cidade. Os ventiladores esfacelados percorrem as idéias de um tempo de pensamentos fragmentados. Onde está a razão? A razão está em não se limitar ao que se impõe como norma e valores. Uma verdade final? Eis a única e possível verdade: o aforismo leva a caminhos tortuosos de pensamentos que poderia trazer de volta a um passado ou a um porvir nunca imaginado: eis a criação e o instante criador, o gênio jamais descrito antes.

Vale salientar que o aforismo vale de base para deixar fluir o instante de vazio que é obtido entre a primeira leitura e o entendimento intelectual; quando se pesquisou a imagem se estava nesse transe entre o imaginário e a realidade. A priori parece um pouco confuso, mas após as colagens e intervenções, quando se volta a ler o aforismo, a conexão é feita como se tivesse passado horas ruminando... a ruminação é justamente no momento em que se está ávido na pesquisa.

O processo, que começa a partir da pesquisa de imagens, se divide em 08 etapas:

1. Fotografia;
2. Pesquisa de imagem em livros e revistas;
3. Colagem e intervenção;
4. Extração de formas abstratas do *sketchbook*;
5. Passagem dessas formas para o protótipo (*petit bonhomme*);
6. Sobreposição de imagens no protótipo;
7. Construção de um fragmento em tecido branco baseado nas formas extraídas do *Sketchbook*;
8. Jogo de silhuetas no modelo vivo.

Esse esquema é a descrição de um processo de pesquisa em moda em seu estado mais puro; demonstra-se o florescer de uma criação em que o estilista é força mesma pulsante e criadora de novas silhuetas, rompendo com a idéia de moda, tendência e criatura dominada.



Figura 01: Fotografia de ventilador quebrado; e, Marte – 1641 – Diego Velázquez. Óleo sobre tela. 181x99cm – Museu do Prado, Madri. Fonte: VENTURA, revista nº 9 – publicação trimestral, Editora Spala1989.



Figura 02: Fragmento no tecido branco: vários círculos cortados em tamanhos variados, juntos a uma outra parte contada em meia lua unidos com a ajuda de alfinetes.



Figura 03: Composição com a ajuda do fragmento em tecido branco.

2. ALINHAVANDO E CONCLUINDO

O momento da criação é o mesmo de seu fim. Aquele que cria é também criação; enquanto se está a pesquisar, novos estilos estão sendo criados.

É exatamente esse o motivo do reencontro: restabelecer a conexão com a essência, transformando a moda em algo que vai muito além da estética. Construiu-se uma idéia maior do que um simples processo criativo: a idéia do espírito livre, aquele que cria.

Nietzsche serviu ao trabalho com todo seu aparato filosófico para dar início ao desvelamento de todos como criadores. E o ato de se desvelar servirá para toda a existência como criaturas que almejam, antes de qualquer coisa, ser profissionais da vida. Vida como vontade de potência, vida como força propulsora e instigadora da afirmação de si mesmo.

Se o que retorna é eterno, constata-se que o que retornará é um legado de auto-aprendizagem e alinhamento, não é o que se deveria querer para o eterno devir? Sim, espera-se. Se Nietzsche deu essa oportunidade de utilizar sua filosofia de forma tão experimental e inovadora, vale agora saudá-lo com o desejo de criar algo de valor. Será que se encontram esses valores? Espera-se. Mas o que Nietzsche verdadeiramente queria era aliados para a construção de um novo homem

e se isso foi ao menos reconhecido, que se inicie essa construção, porém deve-se ser breve e conciso como os aforismos, que permita uma pluralidade de aliados, e multiplicidade de perspectivas para uma mesma proposta, e, assim, pode-se criar um novo estilo de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLONDEL, Eric. In cadernos Nietzsche: **Grupo de estudos Nietzsche**. (Trad.: Fernando de Moraes Barros). São Paulo, n-16, os 7-51, 2004.

BRUM, José Thomaz et al. **Pascal e Nietzsche**. In cadernos Nietzsche: Grupo de estudos Nietzsche, São Paulo, n.8, os. 35-41, 5 de Maio de 2000. Campello-Spala editora

COSGRAVE, Bronwyn. **Histoire de la mode**. (Trad.: Divina Cabo). Paris, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche et la philosophie**. Paris, Quadrige/Puf, 1997..

DI FILIPO, Josefina. In cadernos Nietzsche. **Grupo de Estudos Nietzsche**, São Paulo, n. 19, ps 43-77, 2005. Editor: Luís Fernando Freire. Tradução: Ângela Brant Ribeiro, Gisah

GEARY, James. **O mundo em uma frase: uma breve história do aforismo**. (Trad.: Claudia Martinelli Gama). Rio de Janeiro: Objetivo, 2007.

ITAPARICA, André Luís Mota. In cadernos Nietzsche: **Grupo de estudos Nietzsche**, São Paulo, n.5, os 61-73, 1998.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernidade e sociedade de consumo**. Novos estudos CEBRAP, São Paulo, n.12 pp.16-26, Jun, 1985.

KIERKEGAARD, Soren. **É preciso duvidar de tudo**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

LICHTENBERG, George Christoph. **Aforismos**. (Trad.: Juan Villoro). México, Fondo de Cultura Econômicos, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. (Trad. Maria Lúcia Machado). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARTON, Scarlett. **Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche**. São Paulo, Barcarolla/discurso editorial/grupo de estudos Nietzsche, 3ª edição, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. (Trad.: Jean Melville). São Paulo: Martin Claret, 2005.

----- . **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. (Trad.: Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

----- . **Assim falou Zaratustra**. (Trad.: Alex Marins). São Paulo: Martin Claret, 2004.

----- . **Ecce Homo**. (Trad.: Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2ª edição, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris, Quadrige/PUF, 1997

----- . **Genealogia da Moral: uma polêmica**. (Trad.: Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

----- . **Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

----- . **O Anti-Cristo** (Trad.: Pietro Nassetti), São Paulo: Martins Claret, 2006.

----- . **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. (Trad.: J. Guinsburg). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

----- . **Ouvres Philosophiques Completes**. Paris: Gallimard, 1997.

OS PRÉ-SOCRÁTICOS. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem poeta. (Trad.: Paulo Rónai), Rio de Janeiro, Editora Globo, 1995.

SCARLETT, Marton. **A transvaloração dos valores**. São Paulo: Moderna, 2006.

SNELL, Bruno. **A cultura grega e as origens do pensamento europeu**. (Trad.: Pérola de Carvalho). São Paulo: Perspectiva, 2005.

VENTURA, revista nº 9 – publicação trimestral, Editora Spala 1989.